

O projeto político de Luiz Ruffato: práticas discursivas de um escritor na imprensa¹

Carolina Nalon SILVEIRA²

Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF)

Resumo

O protagonismo da linguagem para a Comunicação e a Literatura é o ponto de partida deste trabalho, que busca identificar possíveis estratégias discursivas usadas por escritores na imprensa. O objetivo é perceber de que forma esse espaço midiático pode ser apropriado pelos criadores para iluminar sua própria obra. Como recorte ilustrativo, foi utilizada a coluna de opinião escrita por Luiz Ruffato na edição digital brasileira do jornal espanhol *El País*.

Palavras-chave: Linguagem; Literatura; Jornalismo; Luiz Ruffato; *El País*.

1. Introdução

Na tentativa de uma aproximação entre Jornalismo e Literatura, que ultrapassasse o foco na questão de gênero, o projeto de pesquisa no qual este artigo se insere propõe uma discussão sobre os espaços atualmente ocupados pelos escritores nos jornais, impressos ou on-line. O enxugamento das redações tem provocado a redução dos cadernos de cultura e suplementos literários na imprensa no Brasil - lacuna que talvez tenta ser suprida com outras formas de dar visibilidade à produção literária, com a proliferação de blogs e das redes sociais. Essa constatação, aliada ao entendimento de que a consagração do escritor passa pela sua participação no circuito literário, seja ela representada através do papel de crítico, intelectual, editor, palestrante, entre outros, abre caminho para se pesquisar como o universo midiático é apropriado pelos criadores. A necessidade de manter-se em evidência, consequência das pressões editoriais e do culto à personalidade, aponta para as seguintes questões: Quais estratégias discursivas são acionadas pelos escritores quando os mesmos se apresentam, por exemplo, na condição de articulistas, colunistas, entrevistados ou críticos?

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF), email: carolnalon@hotmail.com

Estariam dispostos, nessa construção discursiva, elementos que evidenciam o fazer literário e a própria obra do autor?

A relação entre jornalistas e escritores é antiga, nem sempre harmoniosa, mas certamente marcada pela convivência nas redações dos jornais. Merece atenção pelo menos duas referências sobre esse universo comum: as pesquisas elaboradas por Cristine Costa (2005) e por Isabel Travancas (2001).

Um resgate histórico da visão dos intelectuais a respeito da influência do jornalismo sobre a arte literária, levantada em 1904 por João do Rio, é ponto de partida para Costa. Ela reconstrói o caminho trilhado dentro dos jornais por grandes expoentes da literatura no país como Machado de Assis, José de Alencar, Olavo Bilac, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade e, Oswald de Andrade, e lança diversas perguntas aos jornalistas escritores dos anos 1990-2000. Já Travancas (2001) analisa os suplementos literários dos anos 1990 no Brasil e na França, discutindo de que forma os campos jornalístico, literário e editorial estão reunidos nesses veículos e qual noção de literatura eles transmitem. A defesa do livro e do romance, a questão dos cânones, o lugar do escritor e os eventos do mercado editorial são os grandes temas explorados pela autora na investigação dos suplementos *Les Livres* e *Le Monde des Livres*, ambos da França, e os cadernos *Idéias* e *Mais!*, do Brasil.

Nosso interesse passa necessariamente por questões levantadas Costa e Travancas sobre a relação entre jornalistas e escritores e o papel do intelectual, porém, busca atender a um propósito mais específico, o de aprofundamento nos discursos e na posição dos escritores como enunciadores (Bakhtin). Esperamos nos ater a esse recorte compreendendo-o melhor a partir de uma conceituação sobre a linguagem.

2. Linguagem

Lembremo-nos, antes de tudo, de que a base do que faz o jornalista, a matéria prima de que se utiliza, é a palavra. O que serve de caminho para a poesia, transmite também a notícia da morte de uma criança sobre o asfalto. Entre os dois elementos, não há diferença técnica, a não ser em espécie e intensidade. Espécie e intensidade, no entanto, separam também uma forma literária de outra, um ensaio de um romance. (OLINTO, 1954, p. 5)

A citação de Antônio Olinto serve como demarcação inicial de trabalho quando se propõe uma aproximação entre jornalismo e literatura. Ainda que a proposição do autor esteja longe de se tornar unanimidade entre pesquisadores, é evidente que ambas as áreas

trabalham com um elemento comum. O fazer literário e o jornalístico, resguardadas suas especificidades, técnicas e objetivos, partilham o universo da palavra, da linguagem, do discurso. E, assim, sob o ponto de vista aqui apresentado, as referências que se seguem podem amparar tanto análises sobre produções literárias como jornalísticas, pois tratam da linguagem a partir de sua concepção social e cultural.

De acordo com Berger e Luckman (2007), a expressão da subjetivação humana só é possível a partir de sinais – entre eles, a linguagem, que constitui o mais importante instrumento de socialização. Além de me comunicar com o outro, “a linguagem faz 'mais real' minha subjetividade não somente para meu interlocutor mas também para mim mesmo” (Idem, p. 58), isso porque na representação de papéis impostos dentro de uma realidade socialmente construída é necessário “harmonizar o sentido que se dá à sua biografia com o sentido que lhe é atribuído pela sociedade” (p. 114), o que seria, como “produzir propaganda para convencer os outros e produzir memórias para se convencer a si mesmo” (idem, ibidem).

Mesmo a linguagem sendo objeto de investigação de diversas áreas, seu entendimento como estrutura ou prática de representação simbólica é importante ponto de convergência entre os autores aqui mencionados. Para Stuart Hall, por exemplo, a noção de cultura defendida pelos Estudos Culturais resulta, principalmente, dessa forma de se perceber a linguagem. O interesse dessa corrente teórica é na “linguagem como um termo geral para as práticas de representação, sendo dada à linguagem uma posição privilegiada na construção e circulação do significado” (HALL, 1997)³, o que implica em afirmar que o conhecimento da existência de um objeto não é dado a partir de sua materialidade ou objetivação, mas sob a forma socialmente construída a partir da linguagem, algo que inverte a lógica cientificista, apoiada na imparcialidade e racionalidade. Em resumo,

O significado surge não das coisas em si - a 'realidade' - mas a partir dos jogos de linguagem e dos sistemas de classificação nos quais as coisas são inseridas. O que consideramos fatos naturais são, portanto, também fenômenos discursivos. (HALL, 1997)⁴

É importante notar a diferença entre discurso e práticas discursivas. O substantivo carrega o significado de uso institucionalizado da linguagem⁵ e, assim, costuma representar

³ Texto original publicado na obra *Media and Cultural Regulation*, Londres: Open University, com tradução e publicação autorizada pelo autor na revista *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 22, n°2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

⁴ Idem à nota anterior.

⁵ Conceito que também foi considerado por Hall (1997) ao falar em discurso como forma de conhecimento institucionalizado, que modela práticas sociais e coloca novas práticas em funcionamento.

sistemas políticos, disciplinares, grupos sociais, com uma tendência à permanência no tempo. Já a prática discursiva seria a própria produção de sentido, a dinâmica do uso da linguagem, que pode conter os discursos, mas também apresentar rupturas, ressignificações, é onde se encontram os *enunciados*, segundo Bakhtin.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, assinado por Voloshinov, mas atribuído à Mikhail Bakhtin, o autor propõe um método sociológico em linguística, a partir do qual define a natureza social e o caráter ideológico do signo. Para o russo, contrário ao objetivismo abstrato da linguagem, é a comunhão do conteúdo ideológico com a semiótica que irá formar a consciência, a qual, sempre relacionará novos signos a outros já conhecidos, numa cadeia ininterrupta de compreensão ideológica, formada na interação social, e, portanto, sempre dialógica.

A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto significante, etc. constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem. (BAKHTIN, 1981, p. 23)

Bakhtin se dedicará ao dinamismo da língua enquanto sistema vivo e cujas constantes mudanças são realizadas no cotidiano, seja na entonação, no seu uso em determinado contexto ou a partir das transformações ideológicas. Grande parte de seu trabalho volta-se para a questão da enunciação, a qual estará sempre, e antes de tudo, localizada em território social.

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (BAKHTIN, 1981, p. 70)

É notório esse sentido de resposta, de reação, fundamental para a noção bakhtiniana de linguagem, onde é inerente a presença de um interlocutor, seja ele individual, concreto ou possível, ou mesmo um auditório. "Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade" (BAKHTIN, 1981, p. 84), anunciando em 1929, quando o livro foi

publicado na Rússia, questões décadas depois abordadas pelos Estudos Culturais em relação à identidade.

Ainda que seu interesse resida na fala dentro da comunicação verbal, o conceito de enunciação de Bakhtin pode ser transmitido para a escrita, com um agravante: "o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc" (BAKHTIN, 1981, p. 92). Nesse sentido, o ato planejado da escrita carrega consigo ainda mais vozes, dentro de uma lógica de intertextualidade, que, neste caso aqui estudado, pode inclusive apontar de forma bastante clara para a obra literária e para os meios de comunicação, os quais se firmam na contemporaneidade como um dos mais importantes espaços de construção simbólica.

3. A coluna de Ruffato no *El País*

Como recorte ilustrativo para esse trabalho, na tentativa de evidenciar possíveis estratégias discursivas usadas por escritores na imprensa, foram selecionados os artigos de opinião produzidos por Luiz Ruffato para a edição digital brasileira do jornal espanhol *El País*. Propriedade do Grupo PRISA, o *El País* é um jornal diário de grande circulação e influência na Espanha. Foi fundado em 1976, no período de transição para a democracia, após a morte de Franco, e seus fundadores o definiram como "independente, de qualidade, de vocação europeia e defensor da democracia pluralista"⁶. Segundo informações na página eletrônica do grupo, o periódico possui 14 milhões de usuários únicos por mês, é o líder mundial em mídia on-line em espanhol. Cerca de 5 milhões de leitores das edições on-line acessam o conteúdo de fora da Espanha, especialmente da América Latina. A edição digital brasileira, lançada em 26 de novembro de 2013, é uma combinação de conteúdo local e estrangeiro, com matérias traduzidas, e com investimento nas colunas de opinião. Entre os colunistas fixos, observamos Mário Vargas Llosa, Xico Sá, Eliane Brum, além de Luiz Ruffato.

Luiz Fernando Ruffato é um dos principais nomes que compõe a cena literária brasileira contemporânea. Romancista premiado e traduzido para dezenas de países, tem 12 livros publicados, alguns contos e é, ainda, organizador de várias outras obras. Natural de

⁶ Disponível em <<http://www.prisanoticias.com/es/pagina/el-pais-el-periodico-global-de-noticias-en-espanol/>>. Acesso em 1º jun. 2015.

Cataguases (MG), é formado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Trabalhou no jornal *O Estado de S. Paulo* durante 13 anos, mora em São Paulo e considera-se escritor profissional desde 2003. Em relação à temática predominante em suas obras, podemos dizer que:

A questão social sob a perspectiva das contradições advindas da complexidade do país é destacada por meio de seus discursos e suas obras, pois pensa a nação sob diferentes óticas. O Brasil do passado e do presente, o indivíduo contemporâneo em sua condição de eterno estrangeiro, a violência e a superficialidade das relações são temas que seguem o universo dos trabalhadores de classe média baixa, entrelaçada com a temática dos operários e a complexidade social urbana. (PINTO, 2014, p. 20)

A temática transversal em suas obras vai ao encontro da trajetória de vida do autor. A mãe, analfabeta, era lavadeira e o pai tentou a vida de operário, mas acabou sustentando a família com um carrinho de pipoca. Ruffato, como muitos outros brasileiros, conheceu o mundo do trabalho ainda criança, ajudando no orçamento familiar. Já atendeu fregueses em um botequim e em um armarinho, trabalhou em fábrica de algodão e foi torneiro mecânico, ofício que garantia alguma chance em se manter na faculdade. No curso de Comunicação Social da UFJF encontrou pessoas que exercitavam a literatura e discutiam política, e ampliou o gosto pelos livros, os quais já o acompanhavam desde os 12 anos, quando teve contato com a biblioteca da escola onde estudava, o Colégio Cataguases.

A coluna semanal de Ruffato tem início com a estreia da edição digital brasileira do *El País*. No seu primeiro artigo “Sabe com quem está falando?”, o autor apresenta-se aos leitores, marcando sua identidade com a narrativa de sua trajetória. É digno de nota que Ruffato começa sua coluna menos de dois meses após seu polêmico discurso na abertura da Feira do Livro de Frankfurt de 2013, realizada em 8 de outubro daquele ano. O Brasil foi homenageado na edição do evento, que é uma importante vitrine da produção literária, por reunir milhares de profissionais do mercado editorial e expositores de todo mundo. Ao lado da escritora e na época presidente da Academia Brasileira de Letras, Ana Maria Machado, Ruffato foi convidado para abrir a Feira, e seu discurso foi alvo de inúmeras críticas tanto por seus pares como por políticos. Os debates envolveram questões que vão desde a representatividade dos escritores presentes na feira à identidade nacional. O teor do texto, pautado por dados e reflexões sobre desigualdade social, violência e homofobia, circulou na

íntegra pelas redes sociais e pode ser consultado também em reportagem do *O Estado de S. Paulo*⁷.

Até a data da última coluna considerada para esse trabalho, em 1º de julho de 2015, 85 artigos⁸ foram publicados na edição digital do *El País*, os quais foram categorizados por essa pesquisa em relação às temáticas predominantes, de acordo com os seguintes tipos de assuntos relacionados: 1. Aspectos autobiográficos: informações sobre a vida do autor, sua história, sentimentos, experiências, narrativas sobre sua vida e/ou personalidade; 2. Questões sociais: desigualdade social, distribuição de renda, violência, trabalho, desemprego, racismo, machismo, homofobia, educação, saúde; 3. Política: cidadania, civismo, esfera pública, fatos históricos, política como atividade humana no espaço público; 4. Política partidária: menção ao nome de candidatos e/ou siglas de partidos políticos; 5. Literatura: livros, papel da literatura, dados sobre leitura, universo literário e editorial. 6. Religião: menção à crença ou religião; 7. Cotidiano e festividades: acontecimentos fortuitos e temas ligados ao Natal, Carnaval, Copa do Mundo, partida de futebol, por exemplo. Observa-se que vários temas foram encontrados num mesmo texto, sendo todos eles considerados. Após somadas quantas vezes determinado tema é abordado pelas colunas, chegou-se ao seguinte resultado:

Aspectos autobiográficos	Questões sociais	Política	Política partidária	Literatura	Religião	Cotidiano e Festividades
36	49	43	17	19	8	15
19,25%	26,20%	22,99%	9,09%	10,16%	4,28%	8,02%

Os textos estão fortemente concentrados, portanto, nas questões sociais, políticas e nos aspectos autobiográficos do escritor, o que nos leva a entender a coluna realmente como um espaço de opinião no jornal, onde seu autor procura construir tanto sua identidade junto aos leitores como sua forma de enxergar o mundo através dos valores, ideologias e críticas expressos claramente nos textos. O fato de os temas literatura e cotidiano estarem em segundo plano pode confirmar esse objetivo central da coluna, que, portanto, não deve ser confundido com um espaço predominantemente voltado para temáticas culturais, como seria de se esperar em cadernos de cultura, suplementos literários ou ainda em crônicas. Na maioria das vezes em que aparecem, literatura e fatos do cotidiano são abordados por meio

⁷ Disponível em <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,leia-a-integra-do-discurso-de-luiz-ruffato-na-abertura-da-feira-do-livro-de-frankfurt,1083463>>. Acesso em 30 jun. 2015.

⁸ As colunas podem ser lidas na íntegra em <http://brasil.elpais.com/autor/luiz_fernando_ruffato_de_souza/a/> Acesso em 30 jun. 2015.

de aspectos autobiográficos, servindo de pano de fundo para a revelação de preferências, sentimentos, experiências de Ruffato.

A intenção, a partir desse panorama traçado por meio das temáticas, é tentar analisar com um pouco mais de profundidade algumas das passagens de textos de Ruffato, consideradas significativas para entendimento da ideologia expressa nas práticas discursivas do escritor e a relação com sua obra. Essas passagens estão inseridas nas três categorias predominantes da coluna.

Em relação aos aspectos autobiográficos, pode-se dizer que Luiz Ruffato usa sua trajetória pessoal como marcação do lugar de onde fala. A identidade construída pelo escritor na imprensa e no circuito literário é uma de suas principais bandeiras, cujo objetivo é declaradamente político. Há um sentido ideológico bastante claro quando Ruffato, ocupando um papel de destaque no cenário intelectual, ainda reduto da elite, revela sua origem de classe média baixa. A primeira evidência aparece logo na coluna de estreia, em 26 de novembro de 2013, quando o autor se apresenta, expõe a origem de sua família e os percalços por que passou até se tornar escritor. “Desde cedo comecei a trabalhar para auxiliar no orçamento doméstico. De início, vendia cachaça, tira-gostos e cigarros atrás de um balcão que ficava na altura de meus olhos” (RUFFATO, 2013). Também relata sua passagem pelo jornalismo e a convicção de que gostaria mesmo de ser escritor. Ao final, resume o porquê da narrativa:

Se exponho o caminho percorrido é porque não quero esquecer de onde parti. Ao longo da trajetória, percebi que quanto mais aprendo, menos sei. Por isso, não carrego em meus bolsos verdades, mas dúvidas. Não ofereço certezas, mas perguntas. Não espero respostas, mas reflexões. E, sim, permaneço sonhando com uma sociedade mais justa... (RUFFATO, 2013)

Na coluna de 29 de abril de 2015, *Biografia de um homem comum*, mais uma vez sua origem é exaltada e reconhecida como determinante na sua ascensão como escritor.

Graças ao vereador Vinícius Machado, a principal rua do bairro São Marcos, em Cataguases, minha cidade-natal, tornou-se rua Sebastião Cândido de Souza, nome do meu pai. No próximo dia 9, em Lugo, comunidade autônoma da Galiza, na Espanha, recebo uma honraria, Escritor Galego Universal (...). Ambos os fatos, que muito me lisonjeiam, embora separados no tempo e no espaço, talvez sejam frutos da mesma árvore.

(...) A biografia de meu pai resume e exemplifica o desdobramento da vida de milhões de imigrantes pobres que chegaram ao Brasil fugindo da miséria em seus países de origem. (RUFFATO, 2015)

Não faltam exemplos de textos de Ruffato cujos sentidos expressam a necessidade de valorização do lugar de origem como qualificação do enunciador, como projeto ideológico. Podemos encontrar esse discurso para além da coluna considerada neste trabalho, nas entrevistas dadas pelo escritor em revistas, cadernos literários, portais de notícias e no próprio texto de abertura da Feira do Livro de Frankfurt, já mencionado. Em entrevista na *Revista Z Cultural*, disse ter sido programático sobre o que iria escrever quando decidiu ser escritor. Procurou aquilo que ele conhecia como experiência, procurou sua realidade na literatura, e não encontrou. "Eu comecei a perceber que talvez esse fosse um filão rico que eu poderia explorar, porque era um universo que eu conhecia muito bem. E, como projeto político, eu poderia dar uma contribuição neste sentido" (RUFFATO, 2006).

Como apontado pelo levantamento das temáticas, as questões sociais e políticas são o grande norte da coluna. Mesmo por meio de abordagens variadas, é indiscutível a intenção do autor de “colocar o dedo na ferida”, chamar a atenção para a realidade do país. Não é surpresa que são esses também os assuntos, que intimamente ligados à sua biografia, encontram-se também presentes no conjunto de sua obra. *Eles eram muitos cavalos*, seu livro mais conhecido, por exemplo, retrata a sobrevivência no caos da metrópole, sua precariedade estrutural e social, expondo os conflitos próprios da paisagem urbana, a solidão, a criminalidade, a marginalidade econômica e social.

É curioso perceber que nas colunas, mesmo quando os primeiros parágrafos trazem temas despretensiosos, seu desfecho caminha para a reflexão política. A edição do dia 29 de janeiro de 2014 inicia-se com a experiência do autor ao revisitar a obra *Meu pé de laranja-lima*, de José Mauro de Vasconcelos, cuja adaptação para o cinema havia sido lançada há menos de um ano. Mas, a aproximação inicial com a temática da literatura vai dando lugar à outra muito visitada pelo criador, a da violência.

Se, após acompanhar as peripécias de Zezé [o protagonista da obra] ao longo de 180 páginas, voltarmos ao início, leremos: “Aos mortos: meu preito de saudade para meu irmão Luís, o Rei Luís, e minha irmã Glória; Luís desistiu de viver aos vinte anos e Glória aos vinte e quatro também achou que viver não valia mesmo”. Ou seja, dos cinco irmãos que formavam a família de José Mauro de Vasconcelos, dois se mataram! Eles não suportaram conviver com os traumas provocados por um pai alcoólatra, extremamente agressivo e intolerante, e por uma mãe que, embora sofresse ela também os ataques do marido, se omitia submissa às surras tomadas pelos filhos.

(...) Todos os dias são registrados cerca de 400 notificações de violência doméstica contra crianças e adolescentes no Brasil – um número que, sabemos, está muito aquém da realidade.

(...) Em minha casa não se batia. Meu pai tinha ojeriza a qualquer tipo de violência e minha mãe exalava tanta compreensão que evitávamos contrariá-la. Mas formávamos uma ilha num oceano de intolerância. Os esganiçados gritos de dor e os débeis pedidos de socorro labirintavam pelo beco – os instrumentos corriqueiros utilizados para as coças eram o corrião, as mãos e os pés, no caso dos homens, o chinelo, o fio de tomada e a vara de marmelo, no caso das mulheres. (RUFFATO, 2014)

Assim como o *Meu pé de laranja-lima* serviu de pretexto inicial para Ruffato falar sobre o que realmente lhe interessava, a violência, outros "ganchos", no jargão jornalístico, também o serviram nas colunas. Isso foi bastante observado, por exemplo, nos textos relacionados à Copa de Mundo, às eleições presidenciais e até ao Ano Novo. Em 23 de dezembro de 2014, na sua retrospectiva, diz: "os episódios que saliento não são, necessariamente, os mais importantes de 2014, mas, com certeza, o são, por motivos os mais diversos, para mim" (RUFFATO, 2014a). Segue, então, uma lista de assuntos que giram em torno da violência, do abuso de autoridade, da corrupção, do fundamentalismo religioso na política e da educação. O trecho abaixo finaliza a longa lista e é depois seguido de votos de feliz Ano Novo.

A ignorância empurra-nos fatalmente para as sombras – temos nos tornado mais e mais intolerantes, política e socialmente. A desinformação transparece no aumento da presença da aids entre jovens de 15 a 24 anos; no racismo sofrido pelo goleiro Aranha, do Santos, numa partida contra o Grêmio, em Porto Alegre; nos casos de violência sexual ocorridos no campus da USP, a melhor universidade brasileira; na bestialidade contida na frase do deputado federal Jair Bolsonaro contra sua colega, Maria do Rosário: "Não estupro você, porque você não merece". Por isso tudo, percebemos que ainda estamos longe, muito longe, de um projeto de civilização minimamente decente. (RUFFATO, 2014a)

As efemérides, portanto, servem à visão ideológica do autor, e não parece haver, nesse sentido, nenhuma razão de encobrir essas estratégias, mesmo porque seu fazer literário tem um projeto político claro e definido por ele mesmo publicamente. Sobre sua presença enquanto intelectual no espaço midiático, o próprio escritor revela em entrevista ao portal Carta Maior seu posicionamento, mais uma vez reafirmando o contexto social de onde parte sua enunciação e seus interlocutores.

(...) numa sociedade como a nossa, se você tem um espaço pra falar, se você tem voz e se omite... sei lá, acho no mínimo uma covardia. Claro, não exijo nem espero isso

dos meus colegas, não acho que eles sejam todos obrigados. Mas é uma pena. Olha só, a grande maioria dos escritores brasileiros usa redes sociais pra se promover, pra promover seus livros, ou pior, pra fazer fofoca e espalhar maledicências. Dificilmente vêm a público pra se posicionar criticamente em relação a qualquer coisa que seja. E por quê? Fica todo mundo preservando seu pequeno quintal. Inclusive, se posicionar não é bem visto... quer ver? Depois do meu discurso em Frankfurt, teve escritor brasileiro dizendo em rede social: É isso que dá deixar o filho de um pipoqueiro e de uma lavadeira falar em nome do Brasil (RUFFATO, 2015a).

4. Considerações finais

O recorte deste trabalho parece confirmar a viabilidade de nossa pesquisa, cujo interesse pauta-se pelo descortinamento das práticas discursivas usadas por escritores na imprensa. Luiz Ruffato mostrou-se um exemplo adequado para evidenciarmos a relação do jornalismo com a literatura sob o viés da linguagem, da palavra, da ideologia. Isso porque, expondo de forma clara seu posicionamento político, ele não só constrói sua identidade enquanto intelectual e formador de opinião, como propõe ao leitor ressignificações a respeito de sua obra, de sua posição como escritor.

Especificamente em relação ao texto literário, expoente máximo da crítica, Antônio Cândido (2000) chama atenção para a disputa entre as teorias que, ao contrário da crítica sociológica e dos Estudos Culturais, apresentadas nesse trabalho, defendem a autonomia da estrutura da obra: "Sabemos, ainda, que o externo (no caso o social) importa não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno" (CÂNDIDO, 2000, p. 14), sinalizando, assim, para a possibilidade de investigação aqui proposta com vistas à interface entre as práticas discursivas externas e a obra literária.

Cabe ressaltar que não há, neste artigo ou na própria concepção da pesquisa futura, julgamento moral ou de valor, ainda que a seleção de referências e a definição do próprio *corpus*, sob o ponto de vista da linguagem, carreguem sentidos. Não se pretende atribuir às estratégias discursivas analisadas vantagens ou benefícios e/ou desvantagens ou malefícios para o jornalismo, para a literatura ou para o próprio escritor. Na verdade, encaramos essas estratégias como movimentos próprios de num mundo mediado pelos meios de comunicação e sujeito às pressões da lógica capitalista, e que merece ser retratado.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. 2ª ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1981. Disponível em:
<<http://copyfight.me/Acervo/livros/BAKHTIN,%20Mikhail%20-%20Marxismo%20e%20filosofia%20da%20linguagem.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2015.

BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 27ª ed.; Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CEVASCO, Maria Elisa. Literatura e Estudos Culturais. In: BONICCI, T. e ZOLIN, L. O. (orgs). **Teoria Literária**. Maringá: EDUEM, 2009, p. 319-325.

COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel**: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. 1997. Disponível em <http://www.gpef.fe.usp.br/teses/agenda_2011_02.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2015.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 4ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

OLINTO, Antonio. **Jornalismo e literatura**. Ministério da Educação e Cultura. Serviço de Documentação, 1954.

PINTO, Silvânia Aparecida Vicentini. **Um olhar sobre a obra De mim já nem se lembra de Luiz Ruffato**. 112 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

RUFFATO, Luiz. **Eles eram muitos cavalos**. São Paulo: Boitempo, 2001.

_____. Literatura como um projeto: entrevista com Heloisa Buarque de Holanda. **Revista Z Cultural**. Entrevistadoras: Heloisa Buarque de Holanda e Ana Ligia Matos. 2006. Disponível em: <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/literatura-com-um-projeto-entrevista-com-heloisa-buarque-de-holanda/>>. Acesso em: 1º jul. 2015.

_____. Biografia de um homem comum. **El País**. São Paulo, abr. 2015. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/29/opinion/1430319907_540182.html>. Acesso em 14 jul. 2015.

_____. Sabe com quem está falando? **El País**. São Paulo, nov. 2013. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2013/11/24/opinion/1385331331_329784.html>. Acesso em 14 jul. 2015.

_____. Sementes de laranja-lima. **El País**. São Paulo, jan. 2014. 2014. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2014/01/29/opinion/1391001943_971354.html>. Acesso em 14 jul. 2015.

_____. Minha retrospectiva. **El País**. São Paulo, dez. 2014. 2014a. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/23/opinion/1419354330_986104.html>. Acesso em 14 jul. 2015.

_____. Luiz Ruffato: "Literatura é compromisso". Entrevista à Daniel Mandur Thomaz. 2015a. **Carta Maior**. Disponível em: <<http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Cultura/Luiz-Ruffato-Literatura-e-compromisso-/39/33164/>>. Acesso em: 1º jul. 2015.

SPINK, Mary Jane P; MEDRADO, Benedito. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise de práticas discursivas. In: SPINK, M. J. (org). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

TRAVANCAS, Isabel. **O livro no jornal: suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90**. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2001.